

Sentindo os passos dos camelos (ou o rascar dos tanques), o poeta duvida se a Europa poderá erguer-se contra o poder de Herodes — o que significa que teme a degolação dos inocentes. Na «dança macabra de ser mais ou de ser menos», o incêndio ateadado se encarregar de ir nivelando os bailarinos. Tempo de «fim de impérios». A visão dos homens, fitos nas Ilhas Afortunadas, interroga o céu de Roma, a ver se ele lhe dá as chaves da sonhada idade de ouro. O homem diverso no universo galgou os mistérios de Elêusis, e do oráculo de Delfos passou à agonia de Cristo. Sente-se a viva divisão dos que querem sujeitar a terra mãe «mãe pobre» à racionalização produtiva, e dos que se refugiam na grandeza de Deus confiando-lhe o destino humano. Se «a vida é onda após onda nos homens e nos animais», não há mais que aceitar o assédio — o que o poeta faz cantando e chorando entediado e acenando ao paraíso perdido do alto das suas câs, como Milton do fundo da cegueira.

Uma exortação à penitência denuncia o pecado capital do «tempo dúbio» no contraditório crescimento da árvore da ciência, por um lado, e da catástrofe diluviana, por outro. Nem trevas medievais nem carnaval de Veneza parecem servir de medida à impiedade contemporânea; o futebol por ludo; *Il Principe* por breviário. Então Sibila avisa a Europa cristã que se resguarde e benza o oiro do Plano Marshall, se quer medrar e vencer a tirania infiel. Não é menos severa a admonição lançada à nossa grei. Mais vale transcrever que transliterar para que o leitor não perca o belo laivo epo-satírico desta estrofe: «Já meu reino foi calvário / Lá nos mares da Taprobana; / Nem tocou a igual sudário / A trombeta castelhana. / Se, como rosas de Abril, / Tem as praias do Estoril, / Já meu reino foi calvário.»

Mas Urano preside a um fatal e geral armamento. A Humanidade jacta-se do roubo do fogo ao céu: «Vem de Avião (de Avião!) / O fogo de Prometeu», e perante tamanha necessidade, só resta ao poeta sonhar o próprio trespasse, ao estilo novo: «Não será já de alma naua, / Irei de corpo prá Lua, / Ai de Aviação (de Avião!)». O iluso V da Vitória e o negro abandono dos doentes presidem à vicentina pretensão de embarque para a Glória, por parte daqueles que Caronte destina ao Inferno. O homem forja do mesmo alumínio o céu e o corpo; mas não admira: o mundo, diabo e

carne só podiam dar isto... Por isso o poeta se refugia, com nobre e castiço acento, no seio do Salvador. A sua voz autêntica-se e sobe tanto, que bem podia servir de pregão aos que nesta hora convocam à defesa da alma do Ocidente e podem correr o risco de não mobilizar das melhores armas. Oçam, mais que à Sibila, o próprio Afonso Duarte: «Não me doa a mim o peito / Com espinhos e abrolhos, / Porque este Mundo é perfeito / Se a Cristo levanto os olhos. / Alívio das dores que sinto, / Só as chagas foram cinco, / Não me doa a mim o peito.» E, depois de seis estrofes carregadas de sábia alusão, maturidade de ânimo e do insuperável lirismo que diz o cavaleiro de São Tiago, ao que bem batalhou: «E, em nuvem, berço de rosas, / Gozarás a paz das coisas» — vem esta bela aquiescência: «Olharei pelos Céus fora / Até ver o meu Deus-Jesus. / Terra que tanto se chora / Será pontinha de luz. / Perante o Espaço infinito / A Terra é o nada de um grito, / Terra que tanto se chora!» Mas ninguém conta com o Juízo; triunfa o Apocalipse; Ícaro vai voando. Só o poeta acredita que «a alma não está perdida, se a natureza é perfeita».

Aqui palpita talvez na musa de Afonso Duarte uma certa hesitação entre o que parecia ser já equanimidade salutar, face de vez voltada ao reino de Deus, desengano do mundo revolvido, e a força do aceno dos frutos terreares sazoados. Efeito do estilo sibilino, ou passageiro apego do homem ao fim do Outono? — «Não mais, Sibila, não mais / Sonho de almas inquietas. / Que a Terra é pequeno cais / Para o sonho dos poetas...»

Interprete e decida quem puder. A verdade é que esta Sibila de Afonso Duarte, na voluntária humildade dos seus ecos da insanía do Bandarra, no seu «fingido» de arte popular e derivada, levanta o nome do poeta à posição de um Gil Vicente ante os *Canti carnascialeschi* do Portugal da sua época, oferecendo-nos como que uma Divina Comédia moderna escrita numa folha de rosa.

Vitorino Nemésio

*Diário Popular*, Lisboa, 10 de Janeiro de 1951, p. 5

## Prémio Literário Vitorino Nemésio é “justa homenagem” ao escritor açoriano, diz Pedro Nascimento Cabral

O Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral, defendeu, no Centro Natália Correia, que a criação do Prémio Literário Vitorino Nemésio vem honrar o legado cultural e patrimonial linguístico deixados pelo escritor açoriano.

“O ‘Prémio Literário Vitorino Nemésio’ aprovado em Setembro passado pelo parlamento dos Açores faz a justa homenagem ao escritor e pensador açoriano, bem como ao seu pendor universalista, legado pelo escritor à Região e ao País, através do seu pensamento filosófico desassombado e humanista”, frisou o autarca.

Pedro Nascimento Cabral falava na sessão de apresentação do Prémio Literário Vitorino Nemésio, que foi proposto e instituído pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (ALRAA).

Para o autarca, o prémio projecta a escrita e a obra de Vitorino Nemésio “a nível nacional, revestindo-se ainda de especial relevância pelo contributo que presta à divulgação da literatura e de um dos seus maiores vultos.

“Além de prestigiar o mérito daquele que foi um grande açoriano, português e universalista, este prémio dá um enorme contributo para a divulgação da literatura e de um dos seus maiores, mas, também, adiciona, a nosso ver, uma importante vertente para o conhecimento da cultura e da história dos Açores, substanciada na palavra



‘açorianidade’”, reforçou.

Pedro Nascimento Cabral alicerçou-se justamente na palavra “açorianidade” — termo cunhado por Vitorino Nemésio — para, depois, salientar a importância de se desenvolverem acções que valorizem a a identidade cultural do povo açoriano.

“A instituição deste prémio, ao destacar Vitorino Nemésio e o seu pensamento, enaltece, também, a importância de valorizarmos a nossa idiossincrasia, esta nossa açorianidade que, hoje, faz por envolver toda uma cultura que é matriz identitária de sermos um povo que há quase 600 anos optou por ficar aqui, a meio do Atlântico Norte, e se aventurou por meio de tempestades, vulcões e terramotos, sem hesitar em moldar, bem ao seu jeito,

uma forma muito própria ‘de ser e de estar’, seja mergulhada na nossa dimensão arquipelágica, ou no vão pela imensidão da nossa diáspora, que a transporta para qualquer parte do mundo, onde vá e se radique. Insisto, onde existe uma bandeira do Divino Espírito Santo ou um Registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres está sempre presente uma alma açoriana”, realçou.

O Presidente do Município defendeu, a esse propósito, que é importante que os decisores políticos e os agentes culturais continuem a homenagear e a enaltecer as suas “referências maiores”, de forma a que “os jovens e menos jovens entendam o que somos e o que nos fez chegar até aqui, e onde, ainda mais, poderemos ir”.

Para projectar “a nossa identidade no país e no mundo”, Pedro Nascimento Cabral lembrou que, no espaço de dois anos, a Câmara Municipal de Ponta Delgada promoveu um ciclo de homenagens que “celebrou Gaspar Frutuoso, Teófilo Braga e Natália Correia”, entre outros protagonistas que enriqueceram a história açoriana.

Além do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral, a sessão de apresentação do Prémio Vitorino Nemésio teve a participação do Presidente da ALRAA, Luís Garcia, do Presidente do Júri, Eduardo Ferraz da Rosa, e da curadora do prémio, Manuela Bulcão.

O Prémio Literário Vitorino Nemésio visa homenagear o legado do prestigiado escritor açoriano e incentivar a produção literária nos Açores, em todo o país, junto das comunidades e, igualmente, nos países de língua oficial portuguesa.

Com periodicidade anual, o prémio garante ao vencedor um valor pecuniário de 2 500,00 euros, bem como a publicação de até 300 exemplares da obra.

Vitorino Nemésio nasceu a 19 de Dezembro de 1901, na ilha Terceira, e faleceu em 20 de Fevereiro de 1978, em Lisboa. Notabilizou-se enquanto escritor, poeta, cronista, ensaísta e professor, sendo também lembrado pelas reflexões e estilo único com que conduziu o programa ‘Se bem me lembro’.